

## **LOBOS, CORDEIROS E A MANUTENÇÃO DA ORDEM**

**Luiz Alex Silva Saraiva<sup>1</sup>**

Passados dois anos da última eleição presidencial brasileira, na qual estavam em jogo dois projetos de país, observamos, preocupados, uma perigosa convergência que tem desafiado a análise no país. O que temos a comemorar com a vitória da esquerda e com o fato de passarmos a viver um projeto de país mais progressista? De um lado, comemoramos o país internacionalmente ter deixado de ser um pária, com a reocupação de lugares históricos comprometidos com uma sociedade mais justa, com um meio ambiente mais respeitado, e com um rumo mais positivo da nação. Mas, de outro, encaramos um nível de manutenção do que havia antes que não nos permite comemorar de forma irrestrita a emancipação da situação em que estávamos. E são muitos os pontos a serem elencados:

- a manutenção dos rumos draconianos na economia, com pouca mudança nos cortes do governo federal anterior nas áreas de saúde, educação e demais áreas sociais;
- a escandalosa presença de muitas figuras do governo anterior no governo atual, ocupando cargos de relevância em ministérios, secretarias e órgãos

---

<sup>1</sup> Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. [saraiva@face.ufmg.br](mailto:saraiva@face.ufmg.br). Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.

especiais, tudo em nome da governabilidade que termina por esgarçar os já tensos laços com boa parte da militância de esquerda;

- um investimento maciço em propaganda muitas vezes descolada de uma agenda comprometida com avanços sociais, com foco em medidas eleitoreiras já conhecidas voltadas aos mais pobres e na promoção internacional do investimento em tais medidas como comprovação da mudança nos rumos da condução do país;
- investimento em programas temporários de atração e repatriação de cientistas brasileiros em detrimento de Políticas de Estado baseadas em investimentos imediatos, de médio e de longo prazo na estrutura de educação vigente, em especial no nível federal;
- anúncio da expansão da rede federal de ensino técnico e superior sem que tenha sido completado o ciclo de investimento e de manutenção da expansão anterior.

Poderíamos citar outros pontos, em diversas áreas, para constatar que, apesar dos avanços pontuais, a pauta deste governo, que se apresentava como uma legítima defesa da civilização e da sociedade brasileira, tenha convergido, na maior parte dos mesmos pontos que eram celebrados pelo governo anterior, abertamente pautado na exclusão social e em níveis variados de violência contra qualquer coisa que ousasse se apresentar em um espectro alternativo ao do conservadorismo.

Onde está a esquerda, suas pautas, suas diferenças concretizadas em uma forma distinta de governar da adotada pela direita? Estará a esquerda no Brasil e no restante do mundo morta, como recentemente afirmou Safatle (2024)? Se não está, qual a sua efetiva capacidade de pautar e existir em face a um mundo crescentemente conservador? Tomando emprestada a expressão de Oliveira (1993), este perigoso “antagonismo convergente” pode levar a que muitos, menos

e mais informados, tomem esquerda e direita apenas como parâmetros de direção, sem nada a dizer sobre posturas político-ideológicas e sobre modos de existir – e governar em sociedade.

Preocupados temos ficado que a muitos governantes seja tão simples abrir mão de princípios elementares e de pautas caras aos que têm lutado por um país mais progressista e humanitário em função de uma espécie de “fetiche da governabilidade”. E que não haja constrangimentos em vir a público ressaltar suas diferenças e comprometimento com uma visão de mundo pautada pelo social ao mesmo tempo em que penalizam segmentos já fartos de serem historicamente “compreensivos”.

Aos que assistem às bravatas e às indignações ensaiadas, parte da *performance* dos que juram que estão aqui por nós, fica cada vez mais difícil discernir lobos e cordeiros em um cenário pautado pela manutenção de tudo como sempre esteve em função de uma ordem que parece em si ser mais importante do que melhorar a vida das pessoas. E o que se anuncia parece apontar para novas e preocupantes convergências. Oxalá estejamos equivocados nesta leitura...

## NESTE NÚMERO

Este último número de 2024 é composto pelas seções capa, artigos, ensaios e resenhas. Na **Capa**, contamos com *Espera*, contribuição de *Guilherme Nunes de Vasconcelos*. A fotografia desvela um instante da construção de um edifício em concreto em Belo Horizonte, no qual pilares aguardam, em pausa, pela continuidade da obra.

Na seção **Artigos**, contamos com quatro contribuições. O primeiro texto, *Enquanto todos dormem: um estudo sobre o trabalho noturno na indústria*, de Marília Veríssimo Veronese e Julice Salvagni, analisa o trabalho noturno, enfocando algumas dimensões psicossociais da experiência do trabalhador que nele atua. A

partir de uma articulação teórica entre Teoria da Ideologia e a Psicodinâmica do Trabalho e de uma pesquisa levada a cabo com trabalhadores industriais, as autoras refletem sobre as dificuldades associadas a esse regime de trabalho e possíveis soluções para minimizá-las, utilizando perspectiva crítica e reflexiva e propondo ao final três dimensões centrais: a filosófico-epistemológica, a ética e a da práxis.

*Kelen Cristina Duarte e Marlusa de Sevilha Gosling, em Discursos midiáticos acerca da maternidade solo*, investigam os discursos construídos sobre as mães solo no jornalismo brasileiro. Com base em uma pesquisa qualitativa documental em reportagens vinculadas na mídia brasileira nos anos de 2019 a 2020 embasada na análise de discurso de linha francesa, as autoras revelam que impera o discurso de normalização, naturalização e exaltação da maternidade solo – definindo a mulher como a principal responsável pelo trabalho de reprodução social. Todavia tem surgido uma nova formação discursiva que contesta o discurso hegemônico, problematizando e desconstruindo esses estereótipos, o que enfatiza a relevância de discutir o tema, visto que expõe profundas desigualdades de gênero que permeiam a sociedade, mas configuram também um possível ponto de inflexão para mudança social.

Buscando refletir sobre o que pode ser uma Psicologia Crítica do Trabalho, propondo aproximações com a Teoria da Economia Política do Poder, *O que pode ser uma psicologia crítica do trabalho? vozes latino-americanas*, de *Camila Bruning, José Henrique de Faria, Larissa Nazário Nogueira e Luiz Gustavo Camilo*, examina perspectivas críticas tanto nos Estudos Organizacionais quanto na Psicologia Crítica, explorando como essas áreas podem dialogar e se complementar. Os achados revelam importantes reflexões para uma prática de psicologia do trabalho que seja congruente com os princípios da EPP, sugerindo uma reflexão sobre a atuação do psicólogo no contexto laboral, no sentido de desafiar as dinâmicas de poder existentes nas organizações.

Em *O legado de violência da ditadura brasileira e seu impacto na constituição de lugares de memória*, Renata Guimarães Quelha de Sá e Alessandra de Sá Mello da Costa refletem sobre os processos de constituição de lugares de memória da resistência no Brasil, a partir da inobservância das recomendações da Comissão Nacional da Verdade (CNV) dentro do contexto de justiça de transição. A luta para constituir organizações que são lugares de memória, tais como memoriais e museus, a partir da transformação de espaços de violência da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), é um reflexo das disputas de memória que permanecem até os dias atuais. Para atingir o objetivo proposto, as autoras problematizam a importância do dever de memória e da criação de elementos de referência em nossa sociedade, as chamadas marcas de memória previstas na recomendação número 28 da CNV, para que o verdadeiro apaziguamento social e reconciliação nacional sejam alcançados.

Na seção Ensaio, contamos com duas contribuições. Em *Quarto de despejo: a vida social organizada na favela, a partir de Carolina Maria de Jesus*, Nayara Noronha, Julia Catarine dos Santos Abreu e André Luis Silva analisam, a partir do método de análise de narrativas, a vida social organizada na favela, a partir da obra “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus. Os autores discutem os modos de organizar das grandes cidades brasileiras, a partir das dimensões analíticas segregação social, classe, raça e gênero. Como argumento central, articulamos que, ao longo do processo de urbanização no Brasil, a cidade é o espaço da materialização social da desigualdade, cujas minorias políticas, como tantas Carolinas de Jesus, são as pessoas que mais padecem em suas vivências urbanas. Sem a pretensão de esgotar as discussões sobre a temática, este artigo sinaliza para a aproximação entre Estudos Organizacionais, Estudos Urbanos e a Literatura, ao analisar a vida social organizada no espaço urbano da favela, por meio do diário de Carolina Maria de Jesus.

Já em *Empreendedorismo, tema e variações: ação agência empreendedora e forma mercadoria*, Fabio Bittencourt Meira e Daniel S. Lacerda brindam o leitor

com uma crítica sobre como a agenda empreendedora impõe uma equiparação entre ação humana e mercadoria, a qual estaria presente inclusive na formulação clássica de J. A. Schumpeter, porém contemporaneamente não mais restrita ao domínio de indivíduos extraordinários (o empreendedor, para o economista austríaco), mas universalizada como comportamento normal.

Encerrando o número, na seção **Resenhas**, contamos com a contribuição de *Caroline Nayara Marilac Flôr, A reconfiguração dos espaços sociais sagrados: por um organizar do divino*. Esta resenha, que aborda o livro *Religião e Organizações*, destaca como as organizações religiosas, em sua multiplicidade, organizam práticas e modos de gestão orientados pelo divino, estendendo sua influência além dos templos tradicionais. A obra apresenta uma agenda provocativa, reunindo discussões ricas entre 13 autores de diferentes universidades brasileiras, que abordam questões relativas ao agir e à identidade simbólica religiosa, oferecendo novas perspectivas analíticas, desconstruindo a visão de que os estudos organizacionais devem se limitar a um conhecimento instrumental, técnico e, portanto, ortodoxo.

Aproveitamos o ensejo para desejar um excelente final e um próximo ano melhor e mais justo para todos os povos!

## REFERÊNCIAS

Oliveira, Francisco (1993). Quanto melhor, melhor: o acordo das montadoras. *Novos Estudos CEBRAP*, 36, 3-7.

Safatle, Vladimir (2024). *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo.

## CONTRIBUIÇÃO

### Luiz Alex Silva Saraiva

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

## CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

## PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

## AGRADECIMENTOS

O autor agradece à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela infraestrutura de pesquisa e de trabalho e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelos recursos que permitiram viabilizar esta publicação.

## COMO CITAR

Saraiva, Luiz Alex S. (2024). Lobos, cordeiros e a manutenção da ordem. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(30), 825–831.